

Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025

**Mobgrafia: Práticas Visuais Móveis, Processos Sociotécnicos e Aproximações com o Campo da Educação**

*Mobgraphy: Mobile Visual Practices, Sociotechnical Processes, and Connections to the Field of Education*

**Dra. Natalia Martin Viola** - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Unesp,  
[natalia.m.viola@unesp.br](mailto:natalia.m.viola@unesp.br)

## RESUMO

Este artigo deriva de um capítulo da tese de doutorado Do Instante Decisivo ao Contínuo: Experimentações em Fine Art a partir da Mobgrafia (Viola, 2023) e propõe uma análise abrangente da mobgrafia — desde sua definição conceitual, passando pelas especificações técnicas, até suas diversas aplicações, inclusive no âmbito educacional. A mobgrafia se consolida como modalidade imagética característica da era móvel, marcada pela convergência entre captura, processamento e difusão de imagens por dispositivos portáteis. Com a democratização dos aparelhos e a sofisticação técnica crescente, essa prática assume relevância estética, comunicacional e pedagógica. Ao situar a mobgrafia como prática sociotécnica e explorá-la como recurso para letramento visual e formação do olhar, o trabalho evidencia seu papel central nas dinâmicas contemporâneas de comunicação e educação.

**Palavras-chave:** Mobgrafia. Dispositivos móveis. Pós-fotografia. Educação. Letramento visual.

## ABSTRACT

This article, derived from a chapter of the doctoral thesis From the Decisive Moment to the Continuous: Experimentations in Fine Art based on Mobile Photography (Viola, 2023), offers a comprehensive analysis of mobile photography — from conceptual definition and technical specifications to diverse applications, including in education. Mobgraphy emerges as a characteristic image modality of the mobile age, marked by the convergence of capture, processing, and distribution of images through portable devices. With the democratization of devices and increasing technical sophistication, this practice attains aesthetic, communicative, and pedagogical relevance. By framing mobgraphy as a sociotechnical practice and exploring it as a resource for visual literacy and formation of visual sensitivity, the article highlights its central role in contemporary communication and educational dynamics.

**Keywords:** Mobgraphy. Mobile devices. Post-photography. Education. Visual literacy.

## INTRODUÇÃO

A consolidação dos dispositivos móveis como ferramentas centrais de produção imagética transformou profundamente o ecossistema fotográfico contemporâneo. A convergência entre câmeras digitais, sensores de alta performance, recursos de edição e plataformas de circulação em rede estabeleceu, em pouco mais de uma década, um modo de produção visual que reorganiza práticas e sentidos atribuídos à fotografia. Essa transformação não pode ser compreendida apenas como evolução técnica, mas como um processo sociocultural no qual criação, manipulação e compartilhamento tornam-se ações contínuas. Nesse contexto, o termo mobgrafia surge para designar um regime fotográfico próprio da cultura móvel, marcado pela integração entre captura, pós-produção e difusão em tempo real.

A emergência desse fenômeno acompanha o que Lev Manovich identifica como uma das maiores revoluções tecnoculturais da era digital: a capacidade computacional de simular, recombinar

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025**

e distribuir visualidades em escala global. A fotografia móvel deixa de operar somente como registro, passando a integrar o fluxo comunicacional cotidiano. Na perspectiva de Joan Fontcuberta, vivemos uma inflexão pós-fotográfica, na qual o papel do fotógrafo desloca-se da operação material para a produção de sentido, num ambiente onde a abundância imagética redefine autoria, veracidade e legitimidade.

A massificação do uso de smartphones intensifica esse cenário. A presença universal de câmeras embutidas democratiza a produção fotográfica e altera temporalidades: o intervalo entre registrar, editar e publicar reduz-se a segundos, rompendo com paradigmas analógicos fundados na espera, na revelação e na distinção entre profissionais e amadores. Paralelamente, o avanço de sensores CMOS, filtros de cor e processadores dedicados posiciona o celular como suporte expressivo legítimo, capaz de atender a demandas artísticas, comunicacionais e jornalísticas.

Compreender a mobgrafia implica situá-la no campo expandido da imagem digital, articulando discussões sobre memória, identidade, autoria, ética e estética, ou seja, temas que atravessam autores como Sontag, Kossoy, Fontcuberta e Soulages. Ao condensar funções antes distribuídas entre câmera, laboratório, computador e mídia, o smartphone se torna um microecossistema visual, representando uma nova etapa da fotografia na cultura digital. A tese de Viola (2023) argumenta que a mobgrafia constitui um fenômeno híbrido técnico, cultural e artístico, cuja análise é essencial para compreender os modos contemporâneos de ver, narrar e existir visualmente.

A mobgrafia questiona hierarquias tradicionais da fotografia e desafia o monopólio das narrativas oficiais. Autores e autoras independentes podem criar séries visuais, denunciar injustiças, construir memória social, intervir estéticamente e politicamente no espaço público. Ao mesmo tempo, o foto-jornalismo e a arte contemporânea incorporam a mobgrafia como linguagem legítima, abrindo novas frentes de produção e circulação visual.

Estudos recentes têm demonstrado a importância de considerar a fotografia móvel em contextos educativos. A difusão dos dispositivos móveis no contexto escolar propõe uma reconfiguração do ensino, que ultrapassa o uso instrumental da tecnologia e inaugura práticas formativas dedicadas à visualidade contemporânea. A mobgrafia insere-se como possibilidade concreta para o desenvolvimento do que se chama de letramento visual: a habilidade de decodificar e produzir significados a partir de signos visuais, em contextos multimodais.

## **CONCEITOS**

O termo “mobgrafia” foi originalmente utilizado por Viola & Renó (2020) para designar fotografias elaboradas integralmente por aparelhos celulares desde a captura até o tratamento final. Em 2023, Viola revisita e expande o conceito, reconhecendo o desenvolvimento de câmeras

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025**

embutidas em diversos dispositivos móveis e suas múltiplas possibilidades de circulação:

Atualmente, com o desenvolvimento e a inclusão de câmeras em diversos outros dispositivos móveis e as possibilidades de veiculação de imagens, o conceito de mobgrafia pode ser atualizado e definido como a mobgrafia sendo a arte de produzir conteúdo imagético através de dispositivos móveis, desde sua captura, tratamento e manipulação, até a divulgação final das imagens capturadas (Viola, 2023, p.60).

Com a apropriação dos dispositivos móveis em geral, a mobgrafia possibilita a ampliação de seu uso, dando à fotografia um novo estado da arte com as inúmeras formas de manipulação e distribuição das imagens.

Outro tema a ser considerado, mas que demanda ainda muita discussão, é a respeito do tempo (pode ser tido como um dos grandes enigmas do mundo). Para a nova fotografia feita a partir da mobgrafia, o tempo pode não existir mais, pelo menos da forma como a antiga fotografia era feita, com exposição do filme, revelação, ampliação e depois sua publicação ou compartilhamento. De acordo com Hedgecoe (2005), a fotografia digital é feita em um milésimo de segundos. E com a mobgrafia, em questão de segundos a imagem é feita, compartilhada e vista por muitos lugares e pessoas ao redor do mundo.

A adoção maciça de dispositivos portáteis redefine o papel do tempo e da mobilidade na prática fotográfica. O tempo, historicamente fundamental à fotografia como a exposição, revelação, ampliação, é comprimido dramaticamente: na era digital, a imagem pode ser capturada, tratada e compartilhada em milissegundos. A mobgrafia responde a um processo de intensificação do ritmo visual, inserindo a fotografia no fluxo imediato da comunicação.

Historicamente, a fotografia buscou suportes cada vez mais eficientes. Dos daguerreótipos às câmeras de filme 35mm, o objetivo era reduzir o tempo de exposição e oferecer portabilidade. Com a digital era, a demanda deslocou-se para sensores de alta sensibilidade, processamento digital e conectividade. A mobgrafia sintetiza esse percurso, tornando a fotografia simultaneamente técnica, espontânea e acessível, dissolvendo as fronteiras entre o profissional e o amador e redefinindo a autoria como questão de olhar e linguagem, não mais de aparato.

## ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

Como já foi conceituado anteriormente, a mobgrafia é feita a partir de dispositivos móveis. Para exemplificar melhor sua anatomia, este artigo traz exemplos da anatomia do aparelho celular como base, até mesmo porque, os demais dispositivos móveis capazes de registrar imagens possuem características similares.

Tendo em vista que o surgimento das câmeras em dispositivos móveis se deu a partir de processos de captação e transmissão de imagens é importante citar que um dos precursores desta tecnologia foi Daniel A. Henderson, com a invenção do protótipo de um dispositivo de tecnologia de mensagens foto/vídeo, o *Intellect* criado em 1993 com tecnologia que é onipresente em celulares do

Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025  
mundo todo (McAdory, 2024).

As invenções sempre nascem das necessidades, e não foi diferente com a mobgrafia. Em 1997, Philippe Kahn, enquanto aguardava sua esposa dar à luz à sua filha na maternidade, desenvolveu um dispositivo que juntava uma câmera fotográfica digital, um aparelho celular, um kit de viva-voz para carros e um laptop. Com estes equipamentos, o inventor criou uma interface unindo software, hardware e firmware permitindo capturar uma imagem pela câmera e transmitir, via mensagem, para mais de mil contatos em seu aparelho telefônico.

Foi a partir da invenção desta interface que foi percebido que se os aparelhos celulares possuíssem o mesmo sensor CMOS (*Complementary Metal Oxide Semiconductor*) presentes em câmeras digitais capazes de capturar imagens através de feixes luminosos e as transformar em energia elétrica (Souza e Cardoza, 2012) eles estariam aptos a fazer fotografias e as enviá-las com um servidor de compartilhamento de imagens.

A partir daí, a tecnologia desenvolvida por Kahn foi apresentada a empresas que iniciaram o desenvolvimento dos celulares com câmeras. Há rumores de qual o primeiro aparelho a ser feito com câmera, ficando entre o Kyocera VP-210 projetado em 1999 pela fabricante japonesa Kyocera Fineceramics GmbH com câmera frontal de 0.11 megapixels capaz de capturar imagens e enviá-las via e-mail, e o J-Phone “J-SH04” fabricado pela Sharp no ano de 2000, ambos comercializados no Japão. Na Coreia do Sul, foi lançado o Samsung SCH-V200 fabricado pela Samsung no ano de 2000 (Science Museum Group, 2001). Segundo Blecher (2003), apenas em 2002 foi apresentado o primeiro aparelho celular com câmera, fabricado pela empresa Sanyo, o Sanyo V-Katana SCP-5300, com o design flip e câmera VGA de 0.3 megapixels.

É possível perceber, com essa pequena história da “invenção” da mobgrafia, que no curto prazo de 02 anos, já foi percebida a importância e necessidade da evolução da câmera inserida nos aparelhos celulares, passando de 0.1 para 0.3 megapixels. Parece pouco, mas em se tratando de uma tecnologia nova e adaptada, resulta em muito estudo e potencial comercial.

Entrando um pouco mais na anatomia da câmera de um aparelho celular, é fato que ambas possuem o mesmo princípio de absorção da luz, incluindo a fotografia analógica. Não é para menos, pois caso contrário, não seria considerada fotografia. Mas é importante registrar que seu processamento diverge baseado no seu suporte. Assim como a fotografia analógica necessita de revelação em químicas, a fotografia digital necessita de sensores e processadores capazes de transformar os feixes de luz em pixels (*picture element*), mas ocorrem em divergência em câmeras DSLR (*Digital Single Lens Reflex*) e dos smartphones. Esta diferença se inicia no sensor, que é o elemento capaz de captar a luz em uma câmera digital em similaridade à sensibilidades dos filmes fotográficos analógicos. Segundo Hoppe (2008, p.54) “todo sensor possui milhares de minúsculos sensores individuais, chamados de pixels (*picture element*), que captam a luminosidade e a cor que

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025**  
incide sobre eles".

Os sensores variam seus tamanhos de acordo com o equipamento, sendo assim, nas câmeras DSLR possuem um tamanho aproximado de 23mm x 15mm, já nos sensores utilizados em câmeras de aparelhos celulares, seus tamanhos se aproximam de 9mm x 7mm. E para suprir essa falta de área de absorção de luz, os aparelhos celulares possuem tecnologias mais potentes com relação ao processamento de imagens.

Simplificando, os sensores captam os feixes de luz que passam pelas lentes acopladas nos smartphones, lendo a luz linha por linha e a convertendo em elétrons e posteriormente em tensão, resultando nos valores de cada pixel (Danakis, et al, 2012). Em se tratando de cor, os sensores recebem uma camada de filtro Bayer, formado por quatro filtros em matriz 2x2, sendo um vermelho, um azul e dois verdes para assim formar um pixel colorido (Bayer, 1975). Porém, a qualidade do filtro Bayer é inferior a dos sensores, sendo que os fabricantes dos aparelhos celulares estão se dedicando a desenvolver e utilizar novos filtros de cor, a exemplo do sensor *SuperSpectrum* da fabricante Huawei, que substitui as células verdes por amarelas, que absorvem ondas de luz azuis e vermelhas, aumentando significativamente a absorção de luz.

Apesar do tamanho reduzido dos sensores dos smartphones (equivalente ao tamanho da unha do dedo mindinho), os fabricantes se dedicaram muito nos últimos anos e desenvolveram uma tecnologia que utiliza uma matriz de pixel de 4x4 para cada captura de um pixel, aumentando significativamente a captura de luz e assim a leitura de imagem, eliminando a imagem pixelizada e a deixando com maior nitidez.

Em se tratando de comércio, os pixels viraram uma forma de marketing para as empresas fabricantes de smartphones, com o lema de “quanto mais pixel, melhor a imagem”. Porém, precisamos entender que com maior quantidade de pixels a imagem pode ter mais nitidez e qualidade técnica, porém, o que faz uma boa fotografia ainda continua sendo o conhecimento e olhar do fotógrafo.

Outro dado técnico importante, é que as câmeras dos aparelhos celulares possuem conjuntos de lentes que misturam angulares, grande angulares suadas para as selfies em grupo e paisagens e teleobjetivas com profundidade de campo, utilizada para os retratos com o fundo desfocado e que são acopladas em sua carcaça não sendo possível seu intercambiamento como nas câmeras DSLR. Ainda.

Atualmente, os aparelhos celulares têm sido lançados com 5 ou mais câmeras acopladas, cada uma com um sensor, que podem agir de forma independente ou em conjunto.

Como os smartphones possuem seus sensores de tamanho reduzido, necessitam de um processador de melhor qualidade que tem o trabalho de processar as informações de forma virtual. Ainda, é possível contar com o apoio de softwares e ferramentas para aumentar a qualidade técnica das imagens como por exemplo o aplicativo Google Camera (GCAM) que se utiliza de algoritmos

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025**

juntando e combinando várias imagens as transformando em uma só, melhorando sua nitidez e contraste (Figura 1), além de oferecer ferramentas diversas para a captura dessas imagens, como câmera virtual em HDR e câmera virtual panorâmica.

**Figura 1** - Fotografias feitas com diferentes aplicativos de câmeras de um smartphone. A primeira com câmera nativa, e a segunda com aplicativo GCAM.



**Fonte:** Viola, N. 2023, p.77

Nota-se a diferença entre as mobgrafias capturadas com diferentes aplicativos de câmera, sendo que a imagem feita com a GCAM apresenta resultados superiores aos da câmera nativa, com maior contraste, nitidez e equilíbrio de brancos. Existem ainda, diversos aplicativos que trabalham para a melhoria da mobgrafia, como Adobe Lightroom, Adobe Photoshop Mix, Fix e Express, PicsArt, Google Snapseed, Remini, etc. Todos com qualidades específicas, mas com intuito de aprimorar a mobgrafia.

## APLICAÇÕES DA MOBGRAFIA

Para entendermos melhor a mobgrafia, é necessário pontuar que esta forma de fotografar deriva da fotografia digital, sendo que, para-Lev Manovich:

As imagens digitais e os objetos midiáticos em geral, podem ser considerados como mágica devido à facilidade de interação e na rapidez na transmissão das informações proporcionadas por eles, citando que a revolução digital pode ser considerada a maior das revoluções tecnoculturais já existentes, pois possui a capacidade de simulação e combinação de habilidades computacionais, além da capacidade de transformação de informações de entrada reais em cenários hipotéticos com uma possibilidade ilimitada de artifícios criativos (Manovich, 2013 In Viola, 2023, p. 83)

Seguindo por essa linha de raciocínio, é possível afirmar que a mobgrafia se contextualiza na pós-fotografia de Joan Fontcuberta, em seu artigo “Por um manifesto pós-fotográfico” (2011) com

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025**

a produção e o compartilhamento massivo de imagens através dos smartphones, sendo que o autor cita que o papel do fotógrafo não é mais material, fazendo a fotografia, mas sim, produzir sentido.

Curiosamente, segundo um provedor de estatísticas globais com o objetivo de disponibilizar estatísticas mundiais relevantes para o mundo todo, o *Worldometer*, no mundo em 2025, existe mais de 7,7 milhões de aparelhos celulares vendidos por dia, sendo a população mundial maior que 8,2 bilhões e 6,5 milhões de usuários de internet por dia.

Isso mostra que grande parte da população mundial possui um smartphone com câmera a postos para fazer fotografias e compartilhá-las nas redes sociais através da internet.

Nas últimas décadas foi possível observar um grande número de pessoas adeptas à mobgrafia, bem como fotógrafos acostumados a utilizar câmeras analógicas e digitais usufruindo das facilidades advindas da fotografia por celular. A portabilidade e discrição do suporte permitiu que muitos fotojornalistas a prefiram para seus registros além da possibilidade da matéria chegar à redação do jornal o mais breve possível, garantindo seriedade às notícias. Com relação à fotografia artística, um único suporte pode oferecer qualidade e infinitas possibilidades criativas à fotografia pois permite a captura, a edição e o tratamento das imagens no mesmo suporte e com opções ilimitadas de aplicativos para desenvolver o trabalho com qualidade, além de garantir que a arte possa ser encaminhada às gráficas, por exemplo e serem impressas, tudo através do mesmo aparelho.

Desta maneira, a mobgrafia vem alterando alguns discursos fotográficos no que se diz respeito à qualidade técnica ser superior à composição e narrativa. Muitos adeptos da mobgrafia citam que o acesso à arte foi melhorado com as possibilidades do celular, fazendo e consumindo-a. Segundo Viola (2023, p.85), “a mobgrafia propicia que o fotógrafo desenvolva a sua própria narrativa através do olhar e do tratamento que faz nas imagens e no próprio compartilhamento das mesmas. E esta nova forma de fazer arte pode ser considerada um marco histórico”.

Para Rojas (*In: Bortone, 2017*), com o surgimento das câmeras digitais, parte da autoria do fotógrafo se perdeu, principalmente no dia-a-dia da fotografia publicitária, o que é diferente no caso da mobgrafia, que traz mais controle nos resultados, possibilitando capturar a imagem, editar, publicar e compartilhar com total autonomia e controle autoral.

Em se tratando de assegurar a autoria, bem como a leitura correta das imagens, afirmando contrariamente ao ditado popular de que uma imagem vale mais do que mil palavras, pois “não” vale, se ela não estiver perfeitamente composta contendo informações espaço-temporais, ou se ela não estiver dentro do contexto correto ou ainda, caso não possuir nenhuma das opções citadas, não estiver acompanhada de legenda para conduzir sua correta interpretação. Na história da fotografia, é possível citar grandes fotógrafos que tinham o cuidado para que suas fotografias seguissem o caminho correto e não causasse danos de comunicação, como o caso ocorrido com a fotografia denominada “A menina e o abutre (1993)” de Kevin Carter, causando grande indignação da população e até a depressão do

Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025

fotógrafo. Consoante ao assunto, Henri Cartier-Bresson sempre se assegurava de enviar as suas fotografias com as respectivas legendas:

Quero que as legendas sejam estritamente informativas, e não observações sentimentais ou irônicas. Quero que haja uma informação franca - existem elementos suficientes para isso nas páginas que estou enviando. Confio inteiramente em vocês, mas ficarei muito reconhecido se forem bastante claros com nossos clientes sobre isso. Deixemos as fotos falarem por si e, por amor a Nadar, não deixemos pessoas sentadas atrás de escrivaninhas acrescentarem algo que não viram. Faço do respeito dessas legendas uma questão pessoal (Assouline, 2014, *apud* Viola, 2023, p.36).

Com estes cuidados, o fotógrafo assegurava que a preservação das culturas as quais estavam sendo representadas poderiam ser respeitadas, se comprometendo com a verdade, princípio fundamental para a fotojornalismo.

Aproveitando o estilo fotográfico que têm se aproveitado grandemente da mobgrafia, é imprescindível citar o fotógrafo Jefferson Barcellos, que desenvolveu uma série fotográfica a partir da mobgrafia.

**Figuras 2 e 3** - As pessoas e a resistência através de sua inserção no ambiente urbano (ruas).



**Fonte:** Barcellos, 2020 *apud* Viola, 2023, p.87.

Desta forma, entende-se que a fotografia possui uma importância para quem a faz e para quem a observa e consome. Da mesma maneira que a arte. Por isso, a mobgrafia tem ganhado espaço entre os fotógrafos artistas, pois sua arte pode ser difundida amplamente através deste suporte fotográfico.

A fotografia artística influencia a memória, requerendo tempo para ser apreciada e vivida, diferentemente da fotografia digital, que é efêmera e arquivada em nuvens para compartilhamento online, podendo nos ajudar a desacelerar e refletir sobre a construção da história pessoal, da auto representação e identidade na era digital (Loura, 2023).

Diferentes expressões de arte podem ser trabalhadas através da mobgrafia. Com suas facilidades, o mobgrafista (em memória) Wander Rocha idealizou e colocou em prática, no ano de 2020, um projeto denominado Simbiose, que se caracteriza pela união de duas ou mais mobgrafias combinadas entre retratos e fotografia de natureza (Figura 4). Para Wander,

A Simbiose é etimologicamente definida como uma associação a longo prazo entre dois

Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025

organismos, de espécies diferentes, que podem se beneficiar com essa relação ou não. Foi pensando nesse conceito que resolvi elaborar o projeto denominado "Simbiose". Tornar uma duas espécies que, vitalmente, dependem um do outro. Porém um deles, o homem, depreda e mutila o meio-ambiente tão importante para sua sobrevivência. Minha principal intenção ao gerar as imagens é transformar essas duas espécies em uma só [...] implicitamente, fora a beleza, a utilização de retratos de personagens negros - concomitantemente com elementos da natureza - é uma forma de provocar e levar à reflexão do público sobre duas bandeiras que não podem ser deixadas de lado: o preconceito racial, tão camufladamente negado por boa parte da população brasileira, e a depredação ambiental devido a ambições mercadológicas. A questão estética e com muita textura, foi o ponto crucial para a escolha do preto e branco, exceto por algumas imagens pontuais onde a técnica do Cut Out foi utilizada. O impacto visual e a reflexão são os grandes motes do projeto. (Rocha, 2023, In: Viola, 2023, p.90).

**Figura 4** - Imagem em preto e branco da primeira parte do Projeto Simbiose.



Fonte: Viola, 2023, p.90.

Além da dupla exposição e das possibilidades que esta técnica traz com relação à criatividade, a mobgrafia em seu contexto artístico, há ainda que se considerar que é possível demonstrar críticas sociais através dela. Dentre inúmeras formas plausíveis com a fotografia por celular, as séries narrativas trazem conceitos estéticos e contexto histórico temporal abordando assuntos específicos, apresentando uma melhor interpretação e absorção da mensagem pelo receptor, tendo em vista que o cérebro humano, através da Área de forma Visual de Palavras (VWFA-Visual Word Form Area) apreende mais rapidamente as imagens do que a escrita. Desta maneira, é possível observar na Figura 5, uma narrativa elaborada a partir da mobgrafia com o conceito de trabalhar dois sentimentos presentes durante a Pandemia de Covid 19, sendo eles o desespero da desinformação e a esperança pela cura.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025

Figura - 5 Série Desespero e Esperança se misturam nesta pandemia. Mobgrafia, 2020.



Fonte: Viola, 2023, p.119.

Com a mobgrafia, a autoria e a liberdade criativa ganham forma, propiciando assim, mudanças na percepção imagética, da narrativa fotográfica e suas intersecções com a experiência estética, alterando a percepção estética sensível da imagem como recorte do cotidiano e envolvendo a vivência no espaço e no tempo incluindo contextos socioculturais e econômicos. E é pela interação entre objeto e percepção estética que afeta a produção dos sentidos (Castro, 2020).

Enfim, é possível afirmar que o potencial da mobgrafia nos mais diversos estilos é admirável, e mais especificamente, dois estilos desfrutam desta qualidade: a fotojornalismo com sua mobilidade e portabilidade, e a fotografia artística, com suas diversas possibilidades criativas e usos de aplicativos de tratamento e manipulação de imagens. A capacidade artística da mobgrafia é vasta e multifacetada. Embora a fotografia tradicional ainda seja muito valorizada, a praticidade dos smartphones criaram novas possibilidades para a mobgrafia artística. A facilidade de acesso às ferramentas de edição e a possibilidade de compartilhar instantaneamente as imagens nas redes sociais também ampliaram as fronteiras criativas dessa prática.

A abrangência da mobgrafia que vai do jornalismo à arte, do cotidiano à denúncia social, revela que seu valor não está apenas na técnica, mas na capacidade de reorganizar modos de ver, narrar e existir no mundo visual. Essa amplitude de usos converte a fotografia móvel não apenas em

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025**

meio expressivo, mas em instrumento de visibilidade social e simbólica. Neste sentido, o ambiente educativo emerge como locus privilegiado para-articular essas potencialidades: a escola, enquanto espaço de formação do olhar e produção de sentido, pode incorporar a mobgrafia como prática pedagógica crítica e formadora. Ao transpor fronteiras entre arte, jornalismo, comunicação e educação, a mobgrafia adquire dimensão sociotécnica e política: forma cidadãos visuais, capazes de produzir, interpretar e intervir criticamente no mundo imagético.

## **MOBGRAFIA E PROCESSOS EDUCACIONAIS**

A incorporação massiva dos dispositivos móveis no cotidiano escolar provoca uma transformação pedagógica que ultrapassa o uso instrumental da tecnologia: trata-se de integrar práticas formativas capazes de desenvolver competências para ler, produzir e problematizar imagens numa cultura visual saturada. O conceito de letramento visual que pode ser entendido como a habilidade de decodificar e produzir significados a partir de signos visuais, (xxxxxxxx) precisa ser reavaliado e operacionalizado em currículo e metodologias que considerem as especificidades técnicas e comunicacionais da mobgrafia. Essa necessidade já é mapeada por estudos que propõem instrumentos para avaliar a literacia visual específica para fotografia em smartphones, demonstrando que é possível e urgente sistematizar competências formativas voltadas à imagem móvel.

Do ponto de vista pedagógico, a mobgrafia oferece três contribuições formativas imediatas. Primeiro, potência a aprendizagem ativa por meio da produção: os estudantes deixam de ser apenas receptores de imagens e tornam-se produtores que experimentam enquadramento, luz, narrativa e edição em ambiente real. Em projetos pedagógicos que integraram fotografia móvel ao currículo, observou-se que essa prática favorece o desenvolvimento de estratégias de auto-regulação, reflexão crítica sobre escolhas estéticas e tomada de decisões comunicacionais com capacidades centrais em uma pedagogia multimodal. Estudos de prática em rede e aprendizagem aberta mostram como a fotografia móvel sustenta ambientes de aprendizagem conectada, em que registro, curadoria e feedback imediato enriquecem o processo formativo (McGuire, 2015).

Segundo a mobgrafia funciona como recurso para trabalhar letramento crítico sobre mídia: ao articular análise e produção, professores podem propor exercícios que exploram autoria, manipulação, algoritmos de feed e ética da representação (por exemplo, legendagem, consentimento e verificação). Projetos didáticos descritos na literatura brasileira demonstram que atividades pautadas em tecnologias móveis, incluindo fotografia e edição em smartphone, favorecem a leitura crítica de gêneros multimodais e a compreensão dos regimes de circulação das imagens nas redes. Essas práticas formativas ajudam a construir repertórios que permitem aos estudantes identificar vieses, falsificações e usos problemáticos da imagem.

Terceiro, a mobgrafia auxilia o desenvolvimento de portfólios digitais e identidades

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025**

profissionais emergentes: relatos de estudo com estudantes de Artes e Comunicação mostram que o trabalho com “phone to Photoshop” (fluxos que começam no celular e terminam em portfólios profissionais) contribui para a criação de trajetórias de autopromoção e para a compreensão de processos curatoriais contemporâneos. Essa dimensão é pedagógica e laboral ao mesmo tempo: ao aprenderem a montar, selecionar e contextualizar imagens, os estudantes produzem provas de competência que dialogam com o mercado e com circuitos artísticos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ter a compreensão do papel social da fotografia, seu poder de informação e até de desinformação, a sua capacidade de extrair sentimentos do observador, de transformar e de denunciar. A fotografia desempenha um papel de grande fascínio entre os homens pois têm encargos ambíguos relativos ao conhecimento (Kossoy, 2007).

Embora a mobgrafia, ou fotografia realizada por meio de dispositivos móveis ofereça imensas possibilidades criativas, ela também enfrenta desafios. A principal crítica a essa forma de fotografia é a qualidade da imagem em comparação com equipamentos fotográficos profissionais, como câmeras DSLR ou mirrorless. No entanto, com o avanço das tecnologias móveis, muitos smartphones estão superando essas limitações, oferecendo sensores de imagem poderosos, permitindo aos fotógrafos alcançar uma qualidade impressionante. Outrossim, vale lembrar que o valor de uma imagem não se abstém apenas em sua qualidade técnica, e sim em sua mensagem. Outro desafio está na superabundância de imagens, dado que qualquer pessoa pode tirar fotos a qualquer momento, resultando em uma saturação visual nas plataformas digitais. Isso pode diluir o impacto da imagem como forma de arte, exigindo que o fotógrafo móvel desenvolva um olhar mais apurado para se destacar.

A mobgrafia também se conecta ao valor de exibição, uma vez que a imagem digital capturada por celular pode ser transformada em impressões físicas para exposições, buscando estabelecer uma legitimidade e identidade com a fotografia tradicional. Embora a mobgrafia tenha sido inicialmente vista como uma prática mais efêmera e pessoal, ela tem ganhado cada vez mais espaço nas artes visuais, sendo reconhecida por sua capacidade de capturar momentos cotidianos de maneira rápida e acessível.

Estudos de autores como Lev Manovich (2015), exploram as interações entre a fotografia digital e as mídias móveis, argumentam que a fotografia por celular representa uma nova linguagem visual, redefinindo as noções de autoria e acessibilidade, aproximando a arte fotográfica do público em geral. O autor utiliza fotografias publicadas no Instagram e analisa com computação social fenômenos sociais específicos.

Além disso, a fotografia por celular oferece uma nova perspectiva sobre o colecionismo e a

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025**

memória. Assim como a fotografia convencional, a mobgrafia pode ser entendida como uma estratégia para preservar memórias, organizando narrativas pessoais e criando coleções de imagens que representam não apenas eventos e momentos importantes, mas também afetos e relações. O conceito de "memória digital", reforça a ideia de que, através da fotografia móvel, o indivíduo pode construir e reorganizar suas memórias de forma contínua, utilizando plataformas digitais para armazenar e compartilhar suas imagens.

Para Sontag (2004) uma foto não é apenas o fruto do encontro entre um evento e um fotógrafo, mas o ato de fotografar é um evento em si, o que transforma o fotógrafo em um voyeur, pois ele tem o poder de interferir, invadir ou até mesmo desconsiderar os acontecimentos à sua frente. A praticidade do celular permite que as pessoas capturem e armazenem uma quantidade infinita de imagens, o que altera o modo como interagimos com o passado e nos relacionamos com nossas próprias histórias pessoais.

A evolução das câmeras de celulares também tem um impacto profundo nesse campo, com tecnologias como a inteligência artificial e os sistemas de câmeras múltiplas, que melhoraram a qualidade das imagens e ampliam as possibilidades artísticas e criativas dessa prática. A mobgrafia, portanto, não apenas ressignifica a fotografia como um todo, mas também amplia o conceito de "coleção", com as imagens sendo não apenas objetos físicos, mas também digitais, armazenados em arquivos e plataformas de nuvem, perpetuando uma memória que pode ser acessada e modificada a qualquer momento.

Um ponto importante a citar é que os aparelhos celulares são equipamentos com custo acessível, o que permite que mais pessoas se aventurem no mundo da fotografia, sem a necessidade de equipamentos caros ou especializados. Isso cria um espaço mais inclusivo, onde vozes e perspectivas diversas podem se expressar artisticamente sem as limitações impostas por ferramentas tradicionais.

Por fim, a mobgrafia é uma forma de arte que está em constante evolução na era da pós-fotografia. Ela combina a acessibilidade, a mobilidade e a criatividade de uma maneira única, permitindo que qualquer pessoa se torne um fotógrafo e artista através de um dispositivo que todos carregam no bolso. Com seu potencial de criar imagens poderosas e inovadoras, a mobgrafia se firmou como uma expressão artística legítima e promissora, desafiando conceitos tradicionais e ampliando as possibilidades para aqueles que desejam explorar o mundo da fotografia de maneira pessoal e criativa. Esta autora afirma que a mobgrafia pode ser contextualizada como “fotografia novadora”.

No contexto escolar, a adoção da mobgrafia na escola encontra tensões concretas: políticas escolares que restringem o uso de celulares, preocupações com distração e bem-estar, e desigualdades de acesso a dispositivos e conectividade. Esses fatores exigem que intervenções pedagógicas

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025**

considerem equidade (dispositivos compartilhados, períodos de laboratório), regulação ética (diretrizes de uso e consentimento) e articulação com políticas institucionais (normas de sala de aula sobre dispositivos). Ao mesmo tempo, estudos apontam que a simples proibição de telefones não resolve problemas de aprendizagem e bem-estar; práticas educativas que incorporam uso crítico e formativo tendem a produzir melhores resultados de engajamento e competência.

Entretanto, os formadores devem receber capacitação específica para ensinar com imagens móveis: desenvolvimento de planos de aula multimodais, estratégias de avaliação formativa para produtos visuais e protocolos para ética no uso de imagens. A formação docente deve considerar tanto fundamentos teóricos do letramento visual quanto competências práticas em aplicativos e fluxos de trabalho móveis. Estudos recentes mostram que intervenções de capacitação focadas em práticas de produção aumentam a confiança e o repertório didático dos professores.

## REFERÊNCIAS

BAYER, B. E. *Color Imaging Array*. [Patente]. US3971065A, 1975.

BORTONE, M. G. R. *Da fotografia à mobgrafia: um recorte sobre como as novas mídias transformaram o modo de produção, compartilhamento e consumo de cultura*. [TCC]. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CASTRO, R. G. *Mobgrafia: experiência estética na fotografia em dispositivos móveis*. [Dissertação]. Universidade Estadual Paulista – Unesp, Bauru, 2020.

DANAKIS, Christos et al. *Using a CMOS camera sensor for visible light communication*. IEEE Globecom Workshops, p. 1244–1248, 2012.

FONTCUBERTA, J. *La furia de las imágenes*. Galaxia Gutenberg, 2016.

FONTCUBERTA, J. *Por um manifesto pós-fotográfico*. Jornal La Vanguardia, Barcelona, 2011.

HEDGEYCOE, J. *O novo manual de fotografia: guia completo para todos os formatos*. Senac, 2005.

HOPPE, A. *Fotografia digital sem mistérios: os segredos para fazer grandes fotos*. Editora Photos, 2008.

KAMALVAND, Ayad; KHANY, Reza. *Development and validation of an English teacher's visual literacy scale for smartphone photography grounded in social semiotic theory*. Language Testing in Asia, 2024.

KOSSOY, B. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

LOURA, C. F. *Memória, autorrepresentação e identidade em fotografia artística: a experiência estética*. [Dissertação]. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2023.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 30/11/2025 | aceito: 02/12/2025 | publicação: 04/12/2025

MANOVICH, L. *A ciência da cultura? Computação social, humanidades digitais e analítica cultural*. Revista Matrizes, v. 9, n. 8, Universidade de São Paulo, 2015.

MCADORY, Joe. *Pioneiros da revolução móvel compartilham lições e experiências com alunos da Auburn Engineering*. [Site], 01 out. 2024.

MCGUIRE, Mark. *Mobile Photography and Open, Networked Learning*. The Journal of Creative Technologies, 2015.

SANTOS, Sandra Virgínia C. de A.; FERRETE, Anne Alilma Silva; OLIVEIRA, Derli M. *As tecnologias digitais móveis no processo de letramento visual: uma experiência com o app PicsArt*. Signum: Estudos da Linguagem, 2020.

SCIENCE MUSEUM GROUP. *Science Museum Group Collection Online*. [Site], 2001.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, J.; CARDOZA, A. *Sensores de imagem digitais CCD e CMOS*. VII CONNEPI, 2012.

VIOLA, N. M. *Do instante decisivo ao contínuo: experimentações em Fine Art a partir da Mobgrafia*. [Tese]. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, Bauru, 2023.

VIOLA, N. M.; RENÓ, D. *Da pintura à pintura*. In: GUIMARÃES, D. et al. (org.). *Registros*. Ria Editorial, 2020. p. 326–342.